

ELSINORE

**Alia  
Trabucco  
Zerán**



**A  
SUBTRAÇÃO**

*Aos meus pais*

*Recordar é a nossa forma de luto.*

HERTA MÜLLER, *Tudo o Que Eu Tenho Trago Comigo*

Intervalados: domingo sim, domingo não, foi assim que começaram os meus mortos, sem nenhuma ordem, com um fim de semana pelo meio, por vezes dois seguidos, surpreendendo-me sempre nos lugares mais estranhos: caídos nas paragens de autocarro, nas valetas, nos jardins, pendurados nas pontes ou nos semáforos, a flutuar depressa pelo Mapocho abaixo, em cada esquina de Santiago apareciam corpos dominicais, cadáveres semanais ou quinzenais que eu somava metódica e ordenadamente, e o número crescia como cresce a espuma, a raiva, a lava, subia e subia, embora somar fosse precisamente o problema, porque não fazia sentido subir quando todos sabem que os mortos descem, pesam, caem, como o morto que encontrei hoje caído num passeio, um morto solitário calmamente à espera de que eu chegasse, e por mero acaso eu estava a passear em Bustamante, à procura de um buraco qualquer onde pudesse beber umas cervejas para aliviar o calor, este calor pegajoso que derrete até os cálculos mais frios. Estou nisto, desesperado para encontrar uma tasca onde me refrescar, quando vejo, na esquina com Rancagua, um dos meus mortos rebeldes, ainda sozinho e morno, ainda indeciso entre ficar virado para um lado ou cair para o outro, esperava por mim ali com a roupa errada,

protegido por um gorro e um casaco de lã, como se a morte visse no inverno e ele se tivesse vestido para a visitar, o meu morto jazia numa esquina com a cabeça caída para a frente, e eu aproximei-me depressa para olhá-lo bem nos olhos, baixei-me e segurei-lhe a cara para o surpreender, para o investigar, para o possuir, e então apercebi-me de que não havia olhos na sua cara, não, só umas pálpebras grossas a escondê-los, umas pálpebras como muralhas, como véus, como arame farpado, e fiquei nervoso, mas respirei fundo e contive-me, expeli o ar, pus-me de cócoras e lambi o polegar, molhei-o todo, aproximei-o com cuidado da sua cara e calmamente levantei-lhe a pálpebra rígida, devagar faço subir a cortina para o espreitar, para o invadir, para o subtrair, sim, mas um medo horrível faz-me sentir uma pontada no peito, um terror que me paralisa, porque o olho se empapa de um líquido que não é azul, nem verde, nem castanho, é um olho negro que me observa, um olho de águas paradas, uma pupila embaçada pela noite, e eu caio no fundo das suas órbitas e vejo-me claramente na íris sombria desse homem: afogado, derrotado, agredido nessas cavidades que pelo menos me ajudam a compreender a urgência, porque este morto é um sinal, é uma pista, é uma pressa, vejo a minha cara enterrada na sua cara, os meus olhos nas suas órbitas a olhar para mim e percebo que tenho de me despachar de uma vez por todas, tenho de me dedicar até chegar ao zero, sim, e precisamente quando recupero a calma e me preparo para começar, quando pego no caderninho para fazer o registo, oiço ao longe o som insuportável da ambulância que acelera enfurecida, obrigando-me a subtraí-lo rapidamente, de repente, a eliminá-lo, porque acrescentar sempre foi o problema e somar é a resposta errada: como igualar a quantidade de mortos e de sepulturas? Como saber quantos nascemos e quantos

restamos? Como acertar as contas mortais com as listas? Subtraindo, desordenando, separando corpos, é isso, usando a aritmética do final dos tempos, para assim, de forma absoluta e definitiva, começar no último dia, cerrar os dentes e subtrair: dezasseis milhões trezentos e quarenta e um mil novecentos e vinte e oito, menos três mil e tal, menos os cento e dezanove, menos um.

( )

Nessa noite caíram cinzas, ou talvez não. Talvez o cinzento seja apenas o pano de fundo das minhas memórias, e tudo o que houve nessa noite tenha sido uma chuvinha ténue e uma grande festa, uma chuva miudinha e o nó que amarrava essa memória aos restantes fios da minha infância.

O Sol já se tinha posto e o turbilhão de abraços e de beijos, de «que grande que tu estás» e «como o tempo passa», tinha acalmado com o cair da tarde. A minha missão era muito clara: ouvir a campainha, confirmar os polegares marcados com tinta e abrir a porta se estivesse tudo bem. Tinha levado tão a sério essa ordem da minha mãe (essa tarefa *chave*, diria ela), que me pareceu necessário desfazer-me das minhas *Barbies*, enterrá-las para sempre no jardim e transformar-me finalmente na guardiã da casa. Já era crescida, estava encarregada de tomar conta da porta, pensei isto enquanto as enterrava na lama, sem saber que pouco depois as ofereceria ao Felipe, cheias de terra.

Desempenhei com fidelidade o meu papel de vigilante, recebendo ondas de convidados igualmente eufóricos e ansiosos que, depois de hesitarem diante da vedação (a lama, o mato crescido, a insistência das ervas daninhas), se perdiam na festa que explodia do outro lado das janelas. Lembro-me muito bem de

tudo isto, mas sem qualquer vestígio de nostalgia. Lembro-me do cheiro húmido da terra, das bagas ovaladas dos *maquis* na minha língua, da terra a endurecer nos meus joelhos (tornando-me dura, tornando-me de pedra). São imagens cobertas de pó, sem saudades. Consegui domesticar a minha nostalgia (mantenho-a amarrada a um poste, longe de mim) e, além disso, eu não escolhi guardar esta memória. Era dia 5 de outubro de 1988, mas não fui eu, foi a minha mãe quem decidiu que não esqueceria aquela noite.

Já era tarde quando vi três desconhecidos aproximarem-se do portão. Eram dois gigantes e uma rapariga de estatura média que demoraram mais do que a conta a encontrar a campainha e começaram a dizer em coro um nome errado, Claudia, Claudia, pronunciavam-no com um certo receio, verificando nervosamente se alguma sombra os seguia. Só a rapariga ficou calada e quieta. O seu cabelo louro, a cara de desagrado e uma pastilha elástica que lhe saltava na boca de um lado para o outro fizeram-me perceber que se tratava da rapariga que a minha mãe tinha anunciado nessa manhã (endireita-te, cumprimenta, espera, sorri). Ela nem sequer levantou os olhos quando eu abri a porta. Imóvel: o olhar fixo na ponta de umas alpercatas brancas, as mãos enterradas nos bolsos de uns *jeans* gastos e uns fones envolvendo-lhe as orelhas bastaram para me conquistar. À sua direita escoltava-a um homem louro e barbudo com a mão apoiada sobre a sua cabeça (afundando-a, enterrando-a). À sua esquerda, direita como um cipreste, uma mulher muito séria examinava-me. Tinha uma cara familiar apesar de distante, pensei, como se tivesse saído de uma fotografia antiga, de um filme, mas interrompeu-me antes de eu conseguir reconhecê-la. Esta é a Palomita, disse referindo-se à rapariga, empurrando-a para

que atravessasse o portão de uma vez por todas. E tu deves ser a Iquela, não? Dá-lhe um abraço (dá-me um abraço), ordenou a mulher, forçando esse gesto que a Paloma e eu acatámos obedientes, fingindo que nos conhecíamos, que nos reencontrávamos (fingindo a nostalgia faminta dos nossos pais).

A primeira impressão que tive da Paloma foi a de que era uma estrela de *rock*. Recusou-se a sair do corredor quando entrámos em casa e os seus pais não tentaram convencê-la, desapareceram num carrossel de abraços, de «há tanto tempo», de «não acredito», de «a Ingrid chegou», e quase sem darmos por isso, eu e ela ficámos sozinhas: duas estátuas impávidas diante do desfile de convidados que circulavam indecisos entre a sala de estar e a cozinha, entre a cozinha e a sala de jantar, entre o entusiasmo e o medo. Ela estava a ouvir música e não parecia importar-se com mais nada a não ser com os seus pés, um calcanhar marcava o ritmo de uma melodia num movimento furioso de cima para baixo. Um, dois, silêncio. Um, dois. Eu não sabia o que dizer-lhe, o que fazer para a interromper ou para me sobrepor à timidez que me tinha deixado quase sem unhas nos dedos das mãos. Estava habituada a passar o tempo com os crescidos e a sua misteriosa presença, anunciada pela minha mãe como se vaticinasse a chegada de um anjo ou de um marciano, tinha-me deixado inquieta o dia todo. Num rigoroso silêncio, certamente arrastada contra a sua vontade para aquela festa chatíssima, tudo o que a Paloma me oferecia era o som do seu calcanhar a bater no chão, o único indício da sua música, pensei, e aproximei um dos meus pés dos seus, agitando-o ligeiramente de forma a juntar-me àquele coro silencioso. Ela percutia duas vezes e eu outras duas. Pouco depois, quando já quase dançávamos sem nos mexermos, ela parou, parámos as duas. Pôs-se à minha frente (era dez, talvez

quinze centímetros mais alta), pegou-me na mão, virou-me a palma da mão para cima e entregou-me os seus fones. Põe-nos, disse com uma pronúncia forte e uma voz estranha. Põe-nos e carrega no *play*, insistiu sem parar de mastigar aquele verme esborrachado e branco. Ela mesma me envolveu as orelhas com as almofadas pretas e indicou-me, pondo um dedo sobre a boca, que não fizesse barulho e a seguisse. E eu caminhei perto, o mais perto possível do seu corpo, hipnotizada pela alça sedosa que espreitava na curva do seu ombro, pela ponta da sua trança, como um anzol à cintura, e por aquela música que surgia num canto da minha cabeça: uma guitarra, uma voz, os gritos mais tristes do mundo.

Tentando a todo o custo passar despercebidas, eu e a Paloma entrámos na sala de jantar em bicos dos pés. Taças, copos, um monte de jornais, panfletos e um rádio a pilhas cobriam totalmente a mesa onde o meu pai e o dela davam palmadas nas mãos e na cara um do outro, como se precisassem de verificar se os seus nomes e os seus corpos estavam intactos. No rádio, o programa que os meus pais ouviam todas as noites estava quase a começar, a maníaca percussão dos tambores e o mesmo estribilho que abria um sem-fim de más notícias (a banda sonora daqueles anos, a interminável época dos tambores). Expliquei à Paloma que o rádio não era antigo, funcionava a pilhas porque éramos prudentes, não seríamos surpreendidos por um corte de eletricidade. Quando há apagões, eu e o Felipe brincamos durante a noite, murmurei aproximando-me do seu ouvido. Fingimos que desaparecemos, disse-lhe. Não percebi se ela não me ouviu ou se apenas fingiu que não me ouvira. Afastou-se de mim e começou a observar as taças e os copos, levantando-os, aproximando-os da ponta do nariz e rejeitando-os com uma careta de nojo. Só dois

sobreviveram à sua implacável seleção e ficaram diante de nós. Vinho branco ou vinho tinto?, perguntou com a sua voz áspera. Tinto, respondi (terei mesmo dito *tinto*? Será que a memória se desvanece se me esquecer da resposta?).

A Paloma entregou-me um copo de vinho e escolheu um copo de *whisky* para si. É delicioso, sussurrou mexendo os cubos de gelo com o dedo indicador. Bebe, disse ela, bebe o vinho. Ou vais dizer que não gostas, Iquela? Quantos anos tens?, perguntou sem pestanejar, e reparei que a sua cara tinha milhares de sardas e que sob as pestanas tinha uns olhos tão azuis que me pareceram falsos. Olhos de plástico. Olhos de mentira que me julgavam, que me descobriam. Sorriu com um risinho controlado, um mostrar de dentes mecânico, sem rir, cuspiu a pastilha para a palma da mão e amassou-a até se tornar uma bolinha entre o indicador e o polegar. Tu primeiro, disse apontando para o meu copo. Começas tu, insistiu sem dar tréguas àquela massa cada vez mais dura e arredondada. Respirei fundo, fechei os olhos e, inclinando a cabeça para trás, bebi o vinho de uma só vez. Um, dois, três goles intermináveis. Não consegui controlar um arrepio e abri os olhos. A Paloma estava a terminar o seu *whisky*, imperturbável. Um dos cubos de gelo estalou entre os seus dentes e ela pousou o copo na mesa, satisfeita, como se nada fosse. Agora sorria.

Atropelando-se, passando frenéticos de um lado para o outro, os convidados falavam cada vez mais alto, mais depressa, ouvindo-se cada vez mais barulho e menos palavras. O rádio sobrepunha-se às suas vozes: segunda contagem de votos. A minha mãe deslocava-se nervosamente, ia e vinha. O que é que acham?, perguntava para o vazio, para quem quisesse responder-lhe. Perguntava se achavam que os militares iam respeitar as eleições, se queriam beber mais, se queriam mais gelo, o som do

rádio mais alto, e depois soltava umas gargalhadas metálicas, um riso de que me lembro bem. Não podia crer que a minha mãe se ria daquela forma, era um som estridente, com a boca aberta (uns dentes branquíssimos à beira de um precipício). Não queria que a Paloma a visse assim. Quis aproximar-me dela e dizer-lhe, mãe, gosto muito, muito de ti, cala-te, peço-te, cala-te por favor. Mas os tambores da rádio esmagaram o seu riso, ou as suas gargalhadas converteram-se nesses tambores que anunciavam o momento de nos calarmos, de ficarmos sérios para ouvirmos as projeções, escrutinados setenta e dois por cento dos votos.

Terminada a informação noticiosa, quando já não havia álcool sobre a mesa, a Paloma anunciou-me que queria fumar. Pegou-me na mão e levou-me pelo corredor. Lembro-me de que cambaleávamos. Senti um entusiasmo novo, uma tontura leve e feliz que a Paloma interrompeu poucos passos depois. Onde tens os teus cigarros?, perguntou ela com os seus erres marcados, apertando-me a mão e olhando-me com aqueles olhos que me obrigaram a calar-me e a obedecer-lhe.

Levei-a ao quarto dos meus pais, ao fundo da casa, onde mal se ouviam os sons da festa. Calma, sem sequer olhar para trás, a Paloma entrou e começou a inspecionar tudo. Eu, pelo contrário, fechei os olhos e tranquei a porta (fechar os olhos para fechar o mundo, para não ser vista). Quando voltei a abri-los, a Paloma aguardava, inquieta. Então? Apontei para a mesa de cabeceira. Era aí que a minha mãe guardava os cigarros, os fósforos e os comprimidos que tomava às vezes, numa ou noutra manhã cinzenta e em todas as noites de apagão. Só havia um cigarro no maço de *Barclay*, mas a Paloma abriu a gaveta, revirou-a e encontrou um maço novo. Tirou também uma *blister* de comprimidos e fez tudo desaparecer no interior de uma malinha vermelha que

surgiu, como por magia, pendurada num dos seus ombros (porque esse tipo de coisas, sim, fica na memória: o brilho incandescente de uma mala vermelha).

O chão começava a mexer-se sob os meus pés, o vaivém preguiçoso de um naufrágio que eu disfarçava um pouco assustada, feliz e ao mesmo tempo assustada por levar a Paloma aos ziguezagues pela casa. Atravessámos juntas o corredor e a sala de estar, e juntas deixámos para trás o murmúrio das vozes e das novas projeções, escrutinados oitenta e três por cento dos votos. Peguei-lhe na mão com toda a força que tinha e levei-a para o exterior, para longe do local onde o seu pai e o meu gritavam (o pai dela tinha-se levantado do sofá e o meu escondia-se por trás daqueles óculos que lhe dividiam a cara ao meio). Apoiado contra a parede, cada vez mais longe de nós, o meu pai batia no copo com o fio de uma faca. Tlim tlim tlim. Silêncio. Tlim tlim. Como se aquele tilintar o protegesse da fúria que o alemão, o pai da Paloma, parecia ter aperfeiçoado durante anos para a soltar naquele momento. Um minuto de silêncio, gritou o meu pai e conseguiu uma pausa, um parêntesis que aproveitou para brindar a uma lista de desconhecidos, uma lengalenga de pessoas com dois nomes e dois apelidos (como costumavam ser os nomes dos mortos).

Fechei atrás de nós a porta envidraçada que dava para o terraço e por momentos ficámos caladas e às escuras (caíam cinzas? Chovia?). A luz fora cortada e os adultos tinham acabado de reparar na escuridão. Um apagão, uma chicotada, aumentaram o volume do rádio a pilhas (e eu pensei na minha mãe e nos seus comprimidos, nos seus comprimidos). A Paloma acendeu uma vela e tirou da carteira o maço de *Barclay*. É melhor fumarmos, disse sem conseguir pronunciar corretamente os erres, mas

soltando com perícia a fita que envolvia o maço de cigarros. Arrancou o papel dourado do interior, atirou-o para o chão e deu umas pancadinhas no maço com a palma da mão. Assomaram dois cigarros. Segurei o meu entre o indicador e o dedo médio, imitando a minha mãe quando fumava. Por sua vez, Paloma levou o maço à boca, segurou o filtro com os lábios e extraiu o cigarro como se fosse um objeto muito frágil. Depois, inclinando a cabeça, roçou a ponta do cigarro na chama da vela. Uma profissional. O fogo iluminou-lhe os olhos e ela aspirou, semicerrando-os (olhos vermelhos, pensei, olhos tintos). O cigarro acendeu-se e um fumo branco e compacto ficou suspenso a milímetros dos seus lábios. Olhei para ela, fascinada, invejosa, contados oitenta e oito por cento dos votos, enquanto surgia na sua boca uma névoa que imediatamente se desvaneceu à sua volta.

Não consegui conter a minha admiração. Pedi-lhe que me ensinasse. Perguntei-lhe como tinha aprendido, há quanto tempo fumava, como fazia para não tossir. Nunca fumaste?, perguntou-me aspirando novamente. Mas de certeza que já provaste estes comprimidos, não?, disse, tirando uma das cápsulas da caixa e pousando-a na língua, onde ainda se arrastavam restos de fumo. Senti um mal-estar no estômago, um ardor no peito, na cara. Respondi-lhe que não, claro que nunca tinha fumado, é um nojo, disse-lhe concentrando-me num ponto fixo no chão, um ponto diferente daquele para onde ela olhara ao entrar em casa, procurando na terra qualquer coisa além das suas alpercatas, dos meus pés, da lama, de mim, um segredo que eu não consegui descobrir. Avisei-a de que ficaria com os dedos pretos, com a pele baça e os dentes amarelos. Aqueles comprimidos eram da minha mãe, para as manhãs cinzentas, para as noites de apagão. Ela ignorou-me. Contou-me que fumava todas as manhãs antes de entrar na

escola, em Berlim, com as amigas. Eu não sabia onde era Berlim, mas imaginei-a a espalhar aquelas volutas de fumo num bosque enorme e verde-claro, e odiei-a.

Dentro de casa já havia luz e o rádio rugia para nos calar. O pai da Paloma gritava, fora de si, esticando o dedo na direção do meu pai: trombudo de merda, cagão, tu não brindas por ninguém, filho da puta. A minha mãe entrou nesse momento na sala de estar e, quando o viu gritar, pegou num copo ao acaso, encheu-o e aproximou-se com o copo à sua frente, como se aquele vidro a protegesse, impondo uma distância vidrada entre eles, pedindo com aquele vinho tinto que se acalmasse, por favor, não vale a pena, Hans, é melhor bebermos um copo e celebrarmos as boas notícias, para que serve isso agora, para que serve isso depois de tudo? É um dia tão especial, disse obrigando-o a aceitar o copo e conseguindo assim domar o dedo exaltado: há coisas sobre as quais é melhor não falar. A mãe da Paloma observava a cena imóvel, sentada no sofá, concordando, com uma expressão que me pareceu estranha, como se apenas no meio dos gritos, dos números, no centro da fúria, reconhecesse verdadeiramente a minha mãe (a Claudia, ou a Consuelo, isso nunca saberia). O meu pai, por sua vez, continuava cabisbaixo e mudo. Parecia querer dizer alguma coisa, fumar um cigarro, ouvir música até adormecer (com as pontas dos pés destapadas, o ceceio da eletricidade estática da televisão), mas o alemão voltou ao ataque, mentiroso de merda, enquanto a voz do meu pai continuava presa (e eu senti vontade de o abraçar, de o salvar de tudo aquilo, fosse o que fosse). Entre mim e a Paloma instalou-se um novo silêncio, uma pausa que interrompi quando já não podia evitar os gritos. Também quero fumar, disse eu, escrutinados noventa e três por cento dos votos. E também me quero ir embora,

acrescentei sem saber que essa promessa permaneceria intacta durante tantos anos.

A Paloma virou-se de costas para a janela, pegou na caixinha de fósforos e aproximou da minha boca um já aceso. Então fuma, disse (fumemos, diria mais tarde). É importante, insistiu agitando um cigarro entre os seus lábios. Concordei, com vontade de perguntar-lhe como se fazia, se iria ter dores no peito, se o fumo queimava, se me afogaria por dentro. Mas a chama parecia apagar-se diante de mim e não me deu tempo para fazer perguntas.

Aspirei com força e sem pensar.

Aspirei e a minha garganta fechou-se como um punho.

Aspirei quando a porta se abriu e a minha mãe apareceu para me vir buscar.

A Paloma deu um salto, afastando-se de mim.

Escondi o cigarro atrás das costas e por um segundo, enquanto a minha mãe avançava, consegui conter o fumo e a tosse. A minha mãe agachou-se e olhou-me fixamente (e dentro do meu peito o fumo enlouqueceu à procura de saídas). Abraçou-me e apertou-me com força (os votos escrutinados eram milhares, o cigarro queimava-me os dedos, o pai da Paloma aproximava-se rapidamente do meu e o fumo empurrava procurando uma saída). A minha mãe segurou-me nos ombros, enterrou as unhas na minha pele e falou-me ofegante, a sua voz quebrando-se como os ramos de uma árvore morta: Iquela, minha filha, não te esqueças nunca deste dia (porque não podia esquecer nada, nunca).

Nunca te esqueças, repetiu, e dentro de mim a tosse explodiu, seca. Subiu e fez-me estremecer até me deixar totalmente vazia.

O ar tornara-se áspero como o vinho, os *maquis*, os erres. Um ar compacto, um céu carregado. A Paloma voltou a aproximar-se quando a minha mãe saiu, fez-me uma festa nas costas,

deu-me umas palmadinhas um par de vezes e pôs três comprimidos na minha mão (três branquíssimas reticências). Tirou mais três comprimidos que desapareceram na sua boca. Engole, disse, como se me convidasse a participar num ritual secreto. Depressa, engole, insistiu, e eu obedeci já sem hesitar enquanto a Paloma me segurava a cara entre as mãos. Engoli, apesar de serem amargos, apesar do medo, enquanto ela se aproximava e os seus olhos se fechavam (centenas de pares de olhos que não me viam). Fechei-os como se brincasse aos apagões, à noite, a desaparecer. Fechei-os e imaginei aqueles bosques intermináveis envolvidos no nevoeiro que brotava da sua boca. O beijo foi inesperado. Um beijo de poucos segundos, nem breve nem demasiado longo, apenas o suficiente para que eu e a Paloma pudéssemos assistir ao momento exato em que o seu pai bateu no meu, no preciso momento em que a tosse estourou e abafou a última contagem dos votos, no preciso momento em que a minha mãe abraçava outra pessoa para que também não se esquecesse daquele dia.

**Finalista do Man Booker International Prize**

**Livro vencedor do Premio Mejor Novela Inédita  
del Ministerio de las Culturas de Chile**

Filhos de ex-militantes da resistência chilena, Iquela e Felipe são amigos inseparáveis, perseguidos pelas sombras de morte e terror do regime de Pinochet. O curso dos dias altera-se quando um manto de cinzas vulcânicas cobre a cidade, e Paloma, que Iquela conheceu anos antes, regressa do exílio para repatriar o corpo de sua mãe, entretanto desviado para o país vizinho. É dado o mote para que estes três jovens adultos se aventurem numa *roadtrip* até à Argentina, uma viagem repleta de percalços, epifanias e expiações, com a missão de cumprir a última vontade da mãe de Paloma.

Livro de estreia de Alia Trabucco Zerán, um dos nomes mais destacados da atual literatura sul-americana, *A Subtração* é um romance de uma força rara que revisita a herança traumática de um país e o modo como as gerações seguintes procuram reconciliar-se com ela.

«Uma evocação lírica da geração perdida do Chile,  
que tenta cada vez mais desesperadamente  
fugir à sombra política dos seus país.»

**Júri do Man Booker International Prize**

«As vozes de *A Subtração* contam-se entre  
as mais poderosas da ficção sul-americana.»

**Granta**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[f elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[i penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897877599



9 789897 877599 >